# I CONGRESSO CRIM/UFMG

## INTERSECCIONALIDADE E FEMINISMOS

I61
Interseccionalidade e Feminismos [Recurso eletrônico on-line] I Congresso CRIM/UFMG: UFMG – Belo Horizonte;

Organizadores: Luiza Martins Santos, Mariana Karla de Faria e Raíssa Emmerich Santana - Belo Horizonte: UFMG, 2021.

Inclui bibliografia
ISBN: 978-65-5648-362-7
Modo de acesso: www.conpedi.org.br em publicações
Tema: Gênero, feminismos e violência.
1. Gênero. 2. Feminismo. 3. Interseccionalidade. I. I Congresso CRIM/UFMG (1:2021: Belo Horizonte, MG).

CDU: 34

# I CONGRESSO CRIM/UFMG

## INTERSECCIONALIDADE E FEMINISMOS

## Apresentação

O CRIM/UFMG é um Programa de extensão universitária da UFMG sobre violência de gênero, proveniente do Projeto de Ensino, Pesquisa e Extensão em Crimes Contra a Mulher criado em 2019 por um grupo de estudantes universitárias da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), que perceberam a necessidade de ampliar o espaço de debates, denúncias e enfrentamento da violência de gênero dentro da instituição.

O objetivo do Programa é trazer para o grande público questões relevantes referentes ao combate à violência de gênero de forma didática e acessível, de modo a contribuir em diferentes perspectivas, a partir da atuação estudantil em frentes com Profissionais de Saúde, Educação, Infância e Juventude bem como na abordagem de acolhimento de migrantes e refugiadas. Dessa forma, entende-se a necessidade de se desenvolver atividades – que não se limitem ao espaço acadêmico - por meio da criação grupos de estudos, eventos, campanhas de conscientização sobre o tema, além de ministrar oficinas, cursos e capacitação que abordem os diversos tipos de violências de gênero numa perspectiva de promoção da igualdade de gênero. Nesse sentido, o Programa, a partir de uma construção coletiva, busca romper com a cisão criada em uma sociedade desigual e assim, colocar como sujeitos políticos grupos historicamente marginalizados.

Nessa perspectiva, o I Congresso CRIM / UFMG - Gênero, Feminismos e Violência pretende incentivar o debate sobre os progressos e desafios em relação à temática gênero, considerando a integralidade da vivência do ser mulher em uma sociedade machista, cisgênera, heteronormativa, com claros atravessamentos de classe e raça.

O GT 1 - Interseccionalidade e Feminismos acolheu artigos que se desenvolveram a partir de uma perspectiva interseccional e da compreensão de como as discriminações de gênero se interligam com questões relacionadas à sexualidade, raça e classe. Temas que abordem as questões de gênero articulados com a divisão sexual do trabalho; a reconfiguração das práticas sociais e das relações trabalhistas decorrentes do capitalismo; os diversos processos culturais e identitários formativos relacionados à raça e sexualidade, sob perspectivas interdisciplinares. Foram propostas discussões sobre as diferentes estratégias de lutas por reconhecimento e direitos de movimentos democráticos contemporâneos, a partir de uma fundamentação teórica feminista que busca evidenciar a coexistência de mais de um sistema de opressão em relação às mulheres e outros agentes sociais.

# VIRGEM MARIA E A PECADORA EVA: A VISÃO MEDIEVAL DUALISTA E ANTAGONICA DO COMPORTAMENTO FEMININO E A CONSEQUENTE VIOLÊNCIA SIMBÓLICA

# VIRGIN MARY AND THE SINFUL EVE: THE DUALIST AND ANTAGONIC MEDIEVAL VIEW OF FEMALE BEHAVIOR AND THE CONSEQUENTIAL SYMBOLIC VIOLENCE

**Mikaelly Ramos Barros** [1]
**Priscila Ribeiro Jeronimo Diniz** [2]

**Resumo**

A Idade Média é marcada pela forte influência da igreja que, no período, possuía uma visão negativa em relação a assuntos que envolviam a mulher. Viu nela um ser inferior, susceptível de se entregar ao pecado e de se corromper à carne, ao contrário do homem, tido como viril e intelectual. Logo, passou a enxergar a necessidade de ditar padrões morais a serem seguidos para ter controle sobre o comportamento feminino. Para isso, firma-se nas figuras antagônicas de Eva (que representa o pecado) e Maria (representante da castidade, sendo aquela que agrada a Deus).

**Palavras-chave:** Mulher, Pecado, Igreja católica, Idade média, Submissão

**Abstract/Resumen/Résumé**

The Middle Ages are known for the strong influence of the Church, which at the time, had a negative view of issues involving women. It saw in them an inferior being, more inclined to surrender to sin and corrupt itself to the flesh, unlike man, seen as virile and inteligent. Thus the Church begin to see the need to dictate moral standards to be followed and in this way having control over female behavior. To do so it took inspiration from the antagonistic figures of Eve (that represent sin) and Mary (representing chastity, being the one who pleases God).

**Keywords/Palabras-claves/Mots-clés:** Woman, Sin, Catholic church, Middle ages, Submission

[1] Discente do curso de Direito no Centro Universitário Paraíso (UNIFAP). Integrante do Grupo de Estudos em Gênero, Geração e Direito.

[2] (ORIENTADORA). Doutoranda em Ciências das Religiões (UFPB). Mestre em Sociologia (UFPB). Bacharel em Ciências Sociais (URCA). Docente na UniFap. Coordenadora do Grupo de Estudos em Gênero, Geração e Direito.

## 1. Introdução

Mesmo nos tempos atuais, com os vastos avanços na medicina e na ciência, o controle invisível exercido pela igreja mediante sua doutrina é sentindo em vários campos da vida em sociedade. Sabendo disso, não é estranho perceber como tal instituição influenciou fortemente a visão da população medieval séculos atrás, atingindo principalmente a mulher, dita fundadora de todo o mal.

Ao ler sobre o período medieval, é nítido que as mulheres não se encontravam em uma boa posição. Vistas como objeto, elas pertenciam aos homens, bem como aponta Leal (2017, p. 28): "se não estivessem sob a custódia do pai, estariam sob a custódia do marido". Ainda segundo ela, a igreja foi capaz de mudar e impregnar a visão da mulher tão facilmente, em vista da necessidade de um padrão feminino que as impusesse nos caminhos considerados corretos – manter-se puras para seus maridos ou, preferindo, a vida toda, como esposas de Cristo. Para controlar a feminilidade das mulheres (que deveriam seguir o exemplo de Maria) havia tanto o casamento, quanto a maternidade. No primeiro caso, por exemplo, conforme a lei do casamento (que, acredita-se, havia sido instituída por Deus), era concedido ao marido poder sobre o corpo de sua mulher. (PISSINATI, 2017).

A visão que a igreja possuía acerca do corpo feminino é encarregada de criar uma moral para os gêneros, de modo a definir (e, em algum ponto, até mesmo pré-definir) os papeis sociais que ocupavam. Em vista disso, são criados alguns estigmas em torno da representação do feminino ideal para a época, este que exigia a prática da castidade e transmitia certas virtudes, dentre as quais está a submissão à doutrina religiosa imposta (SILVA; TEDESCH, 2010).

A fim de trazer à margem figuras que fossem capazes de construir uma moral de gênero que definisse os comportamentos socialmente aceitos, surge no discurso religioso a idealização do ser mulher representado por figuras bíblicas tais como Eva, a pecadora, que acaba por levar a culpa de todo o mal que chegou à humanidade; e Maria, a santa, virgem, o exemplo ideal de mulher (SILVA, 2014). Alguns autores, bem como Silva, ainda acrescentam a figura de Maria Madalena, que representaria a pecadora arrependida. Em meio a estas, quem assume a carga mais pesada é Eva, culpada pelo pecado original, condenada por Deus a sentir dores nas gravidezes e ser dominada pelo marido (Gn, 3:16).

A partir do século XII, instala-se uma espécie de sistema de controle sexual e do corpo, baseado em ideologias anteriores que o depreciavam. Os antigos acreditavam veemente que a mulher introduzira o pecado no mundo através de sua sexualidade, ainda

fixando-se no pecado original relatado em Gênesis 3:6: “E viu a mulher que aquela árvore era boa para se comer, e agradável aos olhos, e árvore desejável para dar entendimento; tomou do seu fruto, e comeu, e deu também a seu marido, e ele comeu com ela”. Através da interpretação da passagem, Eva foi associada à fraqueza e, em contrapartida, Adão ficou com o intelecto, sendo corrompido pela mulher. Logo, acreditava-se, no período, que estavam rodeados de Evas, mulheres perversas, corrompidas e capazes de corromper (PISSINATI, 2017). Nesse viés é que, como afirma Silva (2014), a castidade é adotada como medida para que o corpo se desprenda do pecado original, tornado as virgens, casadas e viúvas os exemplos de mulheres que deveriam ser seguidos.

A igreja afirmava que todas as mulheres eram descendentes de Eva e, por esse motivo, pendiam naturalmente para seu lado que desejava se corromper, eram fracas e estupidas (PIRES, 2017). Relata Leal (2017), que a condenação recebida por tal figura bíblica foi utilizada pelo dogma cristão como forma de institucionalizar a sua moral dentro do casamento. Assim, justificava a importância de haver um ser superior para servir-lhes de tutor – ou melhor, de dono. E foi essa a ideologia que perseguiu (e ainda consegue afetar) as mulheres através dos séculos.

## 2. Objetivo Geral

- ✓ Apresentar a dicotomia medieval das figuras de Maria e Eva e relacionar como ela afetou a visão feminina da sociedade e o moralmente aceito para as mulheres mediante violência simbólica.

## 3. Metodologia

No referido trabalho foi feito um realizando estudo bibliográfico, por meio de uma pesquisa bibliográfica, apontada por Marconi e Lakatos (2021) como o levantamento de informações mediante publicações científicas e livros, por exemplo, sendo ela uma forma de colocar o pesquisador em contato direto com aquilo que já foi dito ou pesquisado sobre determinado assunto.

A abordagem escolhida foi a qualitativa, visto que, como apresenta Minayo (2015, apud MARCONI; LAKATOS, 2021, p. 44), esta se ocupa justamente daquilo que não pode ser quantificado. Logo, lida com questões relacionadas a significados, crenças, valores e coisas relacionadas, apresentando um perfil correspondente ao tema aqui discorrido, bem como à forma que ele foi tratado.

## 4. Resultados e discussão

Analisando o exposto, é perceptível a imagem de proprietário atribuída ao homem, em detrimento da mulher, vista como propriedade e sujeita a se submeter a ele em prol de seguir o exemplo de Maria, correspondendo aos bons costumes cristãos. De modo imperceptível, encontra-se aí uma espécie de violência que não se exterioriza com atos de agressão física, mas que se permeia pela normatização de uma cultura patriarcal e, consequentemente, misógina, que dita a moral e pré-estabelece comportamentos para cada gênero. Baseando-se, para isso, em figuras bíblicas que representam extremos: de um lado, a salvação, atrelada a uma série de restrições, de valores e padrões a serem aceitos e seguidos fielmente pelas mulheres (Maria); de outro, encontra-se o pecado, envolto nas tentações da carne e advindo da natureza feminina, a qual deve ser abdicada para viver uma vida santa (Eva). Está aí presente a violência simbólica, definida por Bourdieu (2012, p. 7-8) como:

> Violência simbólica, violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento, ou, em última instância, do sentimento.

Maria, chamada mãe de Cristo e esposa de José, é vislumbrada como a representação da castidade, da virgindade. Aceitando receber em seu ventre o fruto do espírito santo, teve a graça de conceber um filho sem, no entanto, entregar-se aos prazeres da carne – estes, quando associados à mulher, vistos como uma espécie de "portal para o maligno". Já Eva é aquela que foi contra a vontade de seu Deus, não sendo criada "a imagem e semelhança" de Deus como Adão, mas a partir de sua costela, fator esse que a diminuiria e justificaria a dominação masculina. Acerca das controvérsias dessa ideia, Pissinati (2017) aponta o exemplo de Santo Tomás de Aquino que prega que, como ela não foi criada a partir de seus pés ou de sua cabeça, não se pode entendê-la como um ser inferior ou superior. Para o religioso e filósofo, como nasceu através de sua costela, há igualdade entre os dois. Esse, contudo, não corresponde ao pensamento que era majoritariamente disseminado no período.

Com os estigmas criados em torno da imagem de tais figuras bíblicas, a representação feminina no medievo emana ideias de castidade, obediência e de submissão ao dogma cristão. Citando a visão de Jacques Le Goff, Silva e Tedesch (2010) destacam que os estereótipos da figura do feminino que haviam se formado atuavam facilitando a

sobreposição do patriarcado sobre a mulher. Nesse sentindo é que Gatt (2020) faz uma relação entre a clara falta de destaques femininos na história do Cristianismo (e mesmo no período anterior ao moderno), e a aversão que o domínio cristão apresentava à presença do feminino, visto que sempre esteve presente no dogma cristão um caráter negativo mediante assuntos que envolviam o corpo feminino. A escolha e aplicação moral das bases comportamentais apresentadas por Eva e Maria nos textos bíblicos, acrescidas de uma interpretação misógina dos religiosos do período, vêm para intensificar e facilitar o processo de controle do gênero. Disseminando, para tal, crenças e imagens que inferiorizavam e coisificavam a mulher.

## 5. Conclusão

É possível ter aqui a percepção, de que os dogmas apresentados nem sequer consideram a mulher como sujeito inferior, mas sim como coisa. A todo momento é buscado impedir sua fala, ação e reação. Citando a visão de Ferreira Junior (2018), estando nesse estado de inércia que envolve sua vida familiar e social, por ser a ela atribuída uma imagem de passividade, não é permitido à mulher qualquer que seja a atividade capaz de libertá-la. Isso só corrobora para sua submissão, em benefício do dominador (homem), ajudando a criar a visão periférica de que esse sistema não vai, e nem deve, ser invertido.

A carga pesada de culpa que é jogada sob a figura feminina já é suficiente para sufocá-la e impedi-la de questionar qualquer que seja o controle ou regramento colocado acima de si. São trazidas duas fortes imagens a sua vista para que ela escolha entre assumir sua natureza e, como isso, ser a pecadora que desagrada a Deus; ou viver a castidade, a submissão e a fé, assim seguindo a vontade dEle.

Ao passo que, sob a mulher estava impregnado o pecado e a perversidade, ao homem se atribuíam características positivas, valorativas, tais como honra, intelecto e espiritualidade. Eram eles os donos, os chefes, os dominadores, aqueles que ditavam o correto. Sob essa perspectiva, como consequência de todo esse sistema desigual (mas contínuo), acaba por se tornar legítima a superioridade do gênero masculino, bem como a obediência que lhes devia a mulher. E está nesse emaranhado de pensamentos, estímulos e crenças a violência simbólica, espreitando-se às margens, mas tão presente quanto se possa imaginar, justificando e reafirmando a inferioridade do gênero feminino.

## REFERÊNCIAS

Bíblia. Português. **Bíblia católica do jovem**. Tradução de José Joaquim Sobral. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2012. 1920 p.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena Kühner. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

FERREIRA JÚNIOR, A. P. Gênero e violência simbólica: um estudo introdutório sobre o ser da mulher e os papéis construídos em sociedade. **Sapere Aude**, Minas Gerais, v. 9, n. 17, p. 309-318, jul. 2018. Disponível em: http://periodicos.pucminas.br/index.php/SapereAude/article/view/17469. Acesso em: 10 jul. 2021.

GATT, P. A aversão ao corpo feminino nos discursos cristãos: Christine de Pisan como umas das poucas vozes do feminino no século XV. *In*: Cícera Leyllyany F. L. F. Müller, Roni Tomazelli (org.). **Medievalidades e humanidades [livro eletrônico]: o tempo e o espaço na história** 1. ed. Vila Velha, ES: LETAMIS, 2020. p. 86-105. Disponível em: https://letamis.ufes.br/sites/letamis.ufes.br/files/field/anexo/medioevo_vol._1_-_medievalidades_e_humanidades_final.pdf. Acesso em: 5 jul 2021.

LEAL, L. As várias faces da mulher no medievo. **WEB REVISTA LINGUAGEM, EDUCAÇÃO E MEMÓRIA**, v. 3, n. 3, p. 23-44, 2012. Disponível em: https://periodicosonline.uems.br/index.php/WRLEM/article/view/2083/1649. Acesso em: 4 jul. 2021.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia do trabalho científico: projetos de pesquisa, pesquisa bibliográfica, teses de doutorado, dissertações de mestrado, trabalhos de conclusão de curso**. 9. ed. São Paulo: Atlas, 2021.

PISSINATI, L. L. O corpo feminino no pensamento cristão medieval. *In*: Congresso Internacional UFES/Paris-Est, 6., 2017, Espirito Santo. **Anais eletrônicos**... p. 644 - 653. Disponível em: https:coloquiohabermas.files.wordpress.com/2016/03/anais-xi-coloquio-habermas-e-ii-coloquio-de-filosofia-da-informacao1.pdf. Acesso em: 2 jul. 2021.

PIRES, J. D. A. Misoginia medieval. **Faces da História**, v. 3, n. 1, p. 128-142, ago. 2017. Disponível em: https://seer.assis.unesp.br/index.php/facesdahistoria/article/view/311. Acesso em: 2 jul. 2021.

SILVA, André Candido da; MEDEIROS, Márcia Maria de. Sexualidade e a história da mulher na Idade Média: a representação do corpo feminino no período medieval nos séculos X a XII. **Revista Eletrônica História em Reflexão**, Dourados, v. 7, n. 14, jan. 2014. ISSN 1981-2434. Disponível em: https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/historiaemreflexao/article/view/2946/1635. Acesso em: 2 jul. 2021.